

ÁFRICA-BRASIL

Invasor ameaça antigo quilombo em Goiás

Três quartos do território dos kalungas, no qual vivem há 250 anos, foram tomados por grileiros de terra

MARIO CESAR CARVALHO
Enviado especial ao Vão de Almas

Negro lá no norte de Goiás tem seu dia de imperador. De terno e gravata, lenço branco sobre a carapinha e óculos escuros, Natalino Fernandes de Castro, 40, foi coroado no último dia 15. Reina por um dia — e aí ele pode até soltar um amigo que foi preso pela polícia "sem justiça". Castro é kalunga, nome pelo qual são conhecidos os remanescentes de um quilombo no norte de Goiás. A coroação é uma farra: tem reza com palavrões em latim, dança, bolo de fubá de arroz e muita cachaça.

Finda a festa, os 4.000 kalungas são jogados num mundo que não tem nada de encantado: suas terras estão sendo invadidas. Eles têm 2.020 km², o equivalente a uma cidade de São Paulo e meia, a 590 km ao norte de Goiânia.

"De 70% a 80% desse território foi invadido por grileiros", estima a antropóloga Mari Baiocchi, 61, da Universidade Federal de Goiás, que estuda os kalungas desde 82.

O isolamento

Os negros chegaram à região há cerca de 250 anos. Ninguém sabe ao certo de onde vieram. Fugiam de minas de ouro de Goiás, provavelmente. Supõe-se que eram de Angola e do Congo. O termo kalunga — oriundo das línguas umbundu, kimbandu e kikongo, faladas na região central e sul da África — designa rio, vale ou mar. Os etnólogos adotam a grafia usada na África, com "k" em vez de "c".

Os kalungas refugiaram-se ao longo do rio Paranã em serras de difícil acesso. A estrada de asfalto mais próxima ao Vão de Almas fica a oito horas em lombo de burro; a de terra, a três. Há pontos do antigo quilombo que só se atingem após três dias de cavalo. Não há estradas ou luz elétrica; só picadas. Doentes são carregados em rede em viagens que duram um dia.

Estavam tão isolados que cultivam tradições africanas e europeias, como a coroação do imperador, os tambores feitos de troncos e o latim das rezas.

Furnas nem os notou quando começou a planejar uma hidrelétrica no rio Paranã em 1987, que inundaria 80% do território kalunga. Teve de alterar os planos, que estão arquivados. "Os kalungas construíram uma cultura própria por causa do isolamento, que precisa ser preservada", diz Baiocchi.

"Com os kalungas podemos entender como seria o pensamento do negro brasileiro isolado do pensamento europeu", afirma Wilson Fernandes de Oliveira, 54, professor da Universidade Federal de Mato Grosso, que prepara uma tese sobre os kalungas na USP.

Nessa cultura, as casas são feitas de tijolos moldados a mão e cobertas de piaçava, uma das palmeiras da região. Como nas nações africanas, os mais velhos têm poder sobre os mais jovens e não existe a noção de adultério.

Há dez anos, fiavam algodão para fazer tecido, faziam corda de viola com rabo de cavalo e andavam quase nus. Plantam arroz,

mandioca, milho e criam gado.

Quase não usam dinheiro. O sal com que cozinham e o querosene que usam nas lamparinas são trocados nas cidades vizinhas por farinha de mandioca. Suas fazendas estão espalhadas em cerca de cem núcleos, formados normalmente por membros de uma família.

Os batuques que fazem em tambor de madeira com couro de veado parecem saídos da África. Não há melodia; só ritmo e improviso. Os que vão para as cidades vizinhas — Teresina de Goiás, Cavalcante e Monte Alegre — descobriram o radiogrador e ouvem do rap de Racionais MC ao sertanejo de Zezé de Camargo e Luciano.

Só em 82, com a chegada de pesquisadores à área, os kalungas passaram a existir para o governo goiano. Três anos depois, para evitar a extinção do grupo, foi aprovada uma lei que doava a terras da serra aos kalungas.

Foi o primeiro remanescente de quilombo a obter tal conquista, prevista na Constituição de 88 e que até hoje não saiu do papel. Em 91, o território foi tombado como sítio histórico. Segundo a lei aprovada pela Assembleia de Goiás, a área deve ser preservada pela importância histórica e só pode ser habitada pelos kalungas.

A invasão

Tudo isso não garante nada. Os kalungas saíram de um mundo comunitário e caíram na ante-sala da barbárie. A região abriga garimpeiros de ouro, mineradoras de cassiterita e invasores.

Os métodos para tirar os kalungas da terra são similares aos do velho oeste. "Os grileiros soltam búfalos sobre as plantações de arroz, queimam nossas casas e ameaçam matar a gente", conta Francisco Bispo dos Santos, 63, dono de 75 alqueires na região. "Só saio daqui para o cemitério".

As reclamações contra invasores se repetem como ladainha. "Eu tinha umas 300 reses e hoje tenho quatro vacas de leite", diz Regino Dias da Silva, 60. Segundo Silva, cerca de 2.000 alqueires dele e dos seus 14 irmãos foram tomados por invasores.

A invasão é facilitada pela lerdeza do governo. Os 2.020 km² foram doados aos kalungas, mas o governo só deu o título da terra para um terço dessa área. O resultado é que cerca de 600 pessoas expulsas de suas fazendas vivem de favores em terras de outros kalungas.

Polícia, ali, praticamente não existe. "Fui dar queixa de uma invasão e não aceitaram", conta Agripino Pereira das Virgens, 57. Há dois meses a Procuradoria da República em Goiás investiga as invasões (veja texto abaixo).

Como nas nações africanas, a terra tem um sentido sagrado para os kalungas, segundo Baiocchi. Só 30% da área é cultivável — o resto é pedra e serra. Mas eles não querem sair de lá.

A cidade é descrita com tintas do inferno por Procópio dos Santos Rosa, 62, líder dos kalungas: "A gente não vai comer lixo na cidade. Em Brasília tem gente comendo lixo debaixo da ponte. Vi com meus olhos — não estou mentindo — uma velha comendo jornal. Se o governo quer tirar a gente daqui, é melhor mandar matar".

Leia textos, veja fotos e ouça a música dos kalungas na Internet. O endereço da FolhaWeb é: <http://www.embratel.net.br/nifoserv/algoalho/>

Procuradoria apura invasão

Do enviado especial

A Procuradoria da República em Goiás investiga há dois meses a invasão da área dos kalungas, mas esbarrou na precariedade da região: não há juiz nem delegado de polícia em Cavalcante.

A procuradora Rosângela Pofahl Batista, 35, diz ter recebido denúncias de que a polícia protege os invasores e pratica violência contra os kalungas.

Ela solicitou um delegado para Cavalcante, sem sucesso. Um promotor colhe depoimentos para apurar a extensão das invasões.

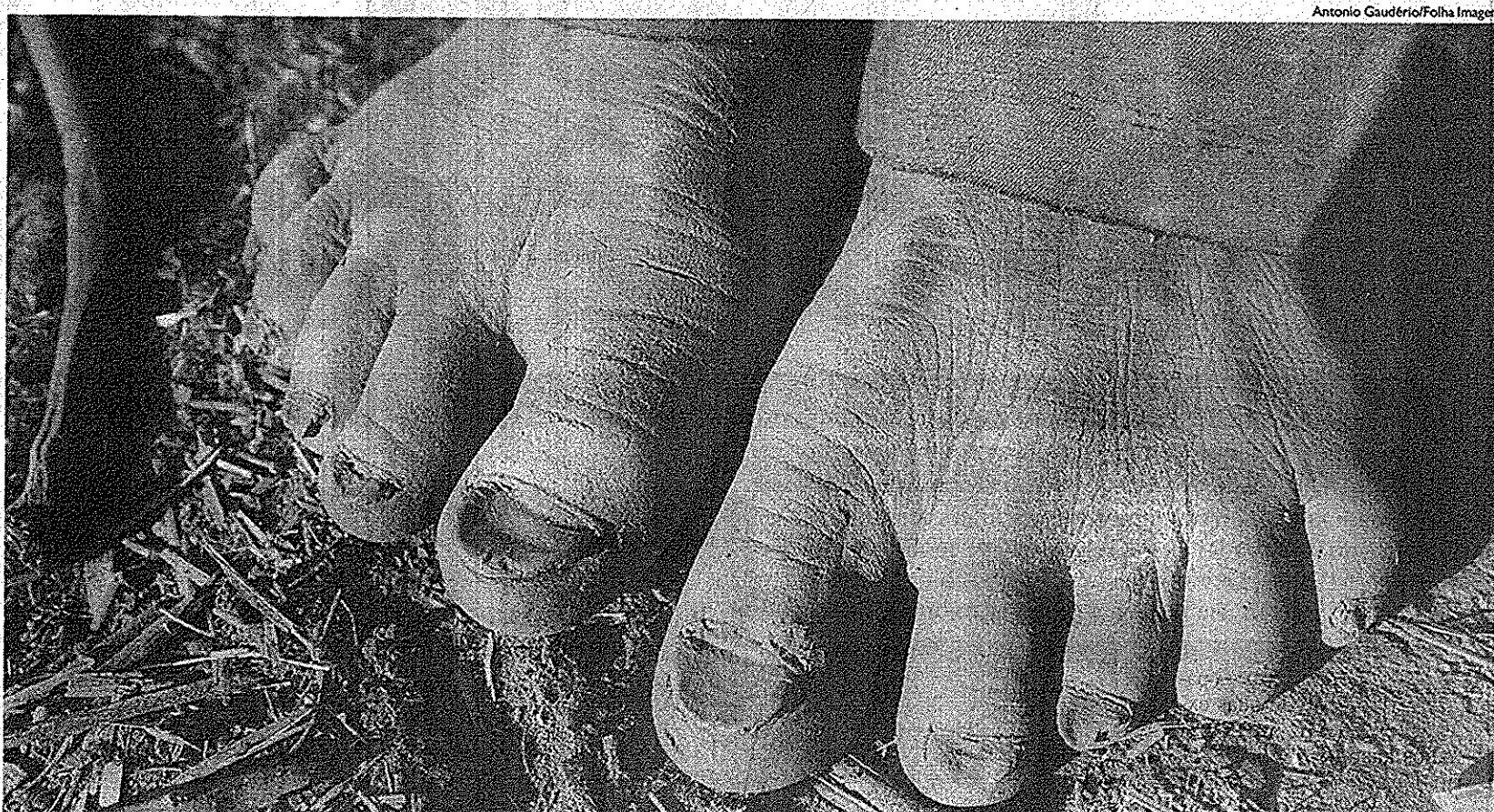
"O governo deveria entregar o título das terras aos kalungas, como prevê a legislação", diz Batista.

Outro lado

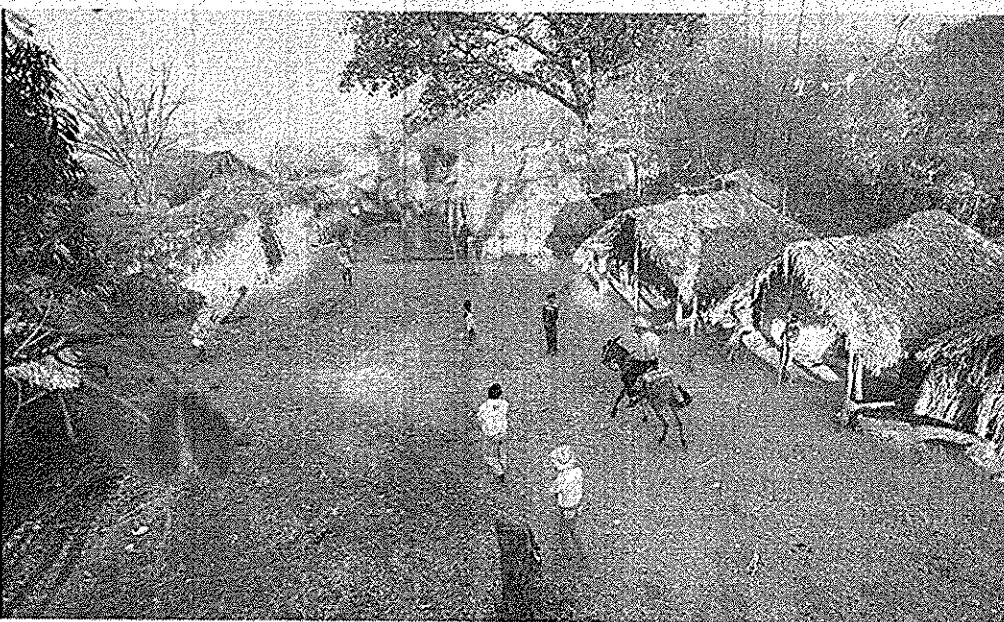
O cabo Antônio Oliveira de Souza, 30, comandante do destacamento policial de Cavalcante, diz que não protege fazendeiros e nem pratica violência contra kalungas. "Por que vou proteger fazendeiro? Sempre fui pobre".

Afirma que nunca se recusou a registrar ocorrência de invasões nos três anos em que está na cidade. Nesse período, segundo ele, não foi registrada ocorrência de invasão porque ninguém o procurou.

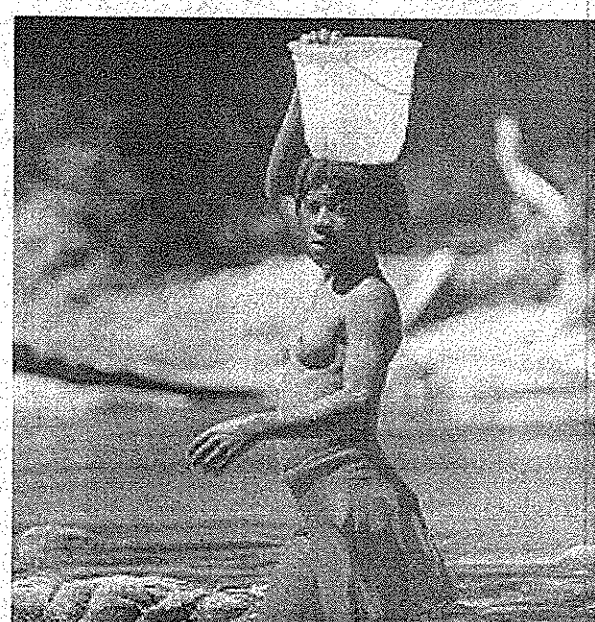
"É difícil fazer alguma coisa. Quando chega a notícia de invasão já faz tempo que o sujeito ocupou a terra e não dá para fazer nada porque não há flagrante." (MCC)



Francisco, um kalunga de 32 anos que nunca calçou sapato; planta arroz, mandioca e cana e cria gado no norte de Goiás



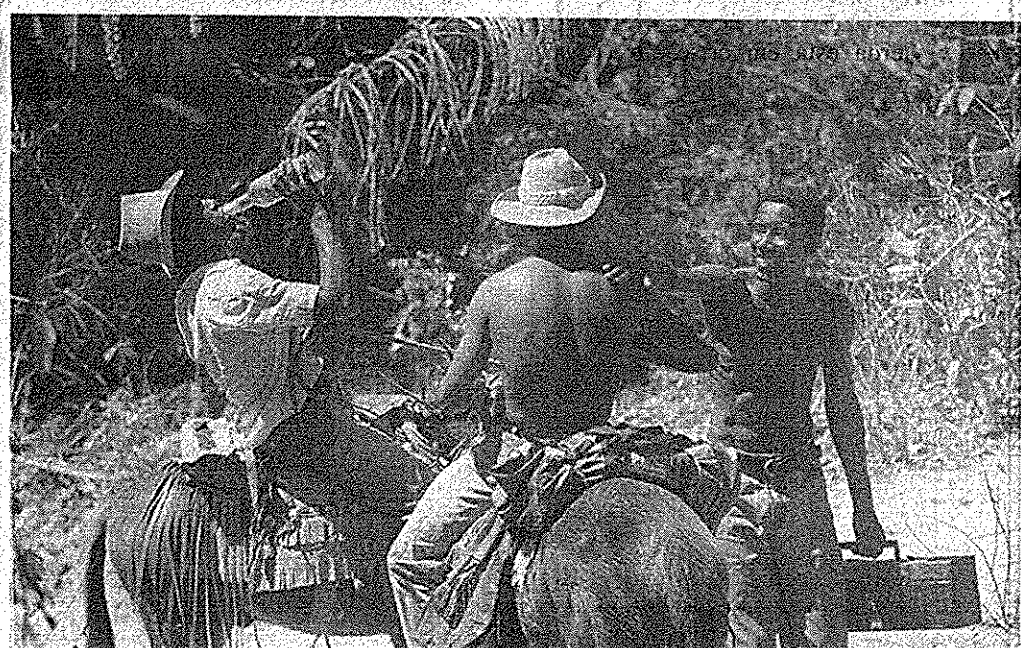
Cabanas feitas com folhas de piaçava, onde os kalungas ficam nas festas



Garota carrega a água no rio das Almas



A professora Tebas aperta mão de criança



De radiogrador, kalunga cumprimenta cavaleiro enquanto outro bebe 51

Escola tem quatro professoras e dois burros

Do enviado especial

As professoras dos kalungas têm um regime especial de trabalho para suportar o isolamento: ficam na escola durante dois meses e nos dois meses seguintes voltam para uma das cidades próximas.

"Ninguém aguenta ficar aqui o ano inteiro", diz Maria de Fátima Tebas, 22, uma das quatro professoras da Escola Estadual Reunida Kalunga 2. O Estado mantém outras duas escolas na região. As professoras ganham R\$ 300,00 ao mês.

Para chegar à escola, Tebas gasta sete, oito horas em lombo de burro. Dois burros são da escola.

e ao lado está a versão para o português (veja quadro).

"A cartilha é uma aberração para uma comunidade negra. Branco é bonito, e negro é feio nela", diz Ivana Leal, 28, do Movimento Negro Unificado em Goiás. Ela ataca uma música sobre um rapaz que armou uma arapuca "pra pegá moça bunita e também muí casada", mas "pegô um baíta d'um negão".

Baiocchi diz que não há preconceito algum em chamar um kalunga de "negão". "É a forma como eles se tratam". (MCC)

Os alunos estudam numa espécie de cartilha bilingue, criada pela antropóloga Mari Baiocchi. Na página aparece a fala dos kalungas

Editoria de Arte/Folha Imagem

A CARTILHA KALUNGA

Fala local e versão para o português

Al um irmão dele era casado. →	Al um irmão dele era casado.
E esse outro irmão dele de cá	E o outro irmão próximo era
era casado. (...) →	casado. (...)
Tá aí qu'essa vaca, (...) →	A vaca andava ao acaso. (...)
cum pocco a vaca sumiu. →	Uma hora a vaca sumiu.

Há risco de extermínio, afirma antropóloga

Do enviado especial

A antropóloga Mari Baiocchi, 61, é considerada uma kalunga pelos kalungas. Chegou à região em 1982, demorou seis anos para conhecer a região e escrever um livro sobre o remanescente de quilombo.

Sua atividade não é apenas teórica. Foi a principal ativista para o tombamento da área. Dirige na Universidade Federal de Goiás o projeto "Kalunga - Povo da Terra", que desenvolve pesquisas nas áreas de saúde, educação, direito agrário e história do quilombo.

Em entrevista a **Folha**, disse que a cultura kalunga ainda corre o risco de extermínio. (MCC)

Folha - Por que o território kalunga teve de ser tombado?

Mari Baiocchi - Porque havia e ainda há risco de desaparecimento de uma cultura por causa da grilagem de terra. As pessoas compram terras em Goiás sem saber que há negros que vivem lá há 250 anos. Grileiros diziam que iam trazer trator, a bonança. Eles colocavam o dedo em um papel sem saber o que era e entregavam a terra.

Folha - Não há risco de eles virarem peça de museu?

Baiocchi - Isso não acontecerá porque a lei prevê que cabe aos kalungas a gerência de suas terras. A terra é sagrada para os kalungas, é onde seus ancestrais são divinizados. Os ancestrais são a ligação

dos kalungas com a África. A saída dali seria uma catástrofe.

Folha - Os kalungas querem postos de saúde, escola agrícola e saneamento. Isso não pode caracterizá-los?

Baiocchi - Não, é o desejo deles. Eles querem entender a nossa fala, ler jornal, querem saúde.

Folha - Atender tudo o que pedem não seria paternalismo?

Baiocchi - Não. Eles são cidadãos como qualquer brasileiro. Se forem tratados com o paternalismo com que o governo tratou os índios, a identidade deles pode se perder. Eles têm um modo de vida que propicia a reprodução de valores éticos. É o que faz com que sobrevivam em área tão insospita.

KALUNGUEIRAS

Revólver. - É o primeiro bem que um kalunga compra quando tem dinheiro e o presente predileto dos meninos. Nos cinco dias de festas do Império, que reuniu 1.500 pessoas há duas semanas, a polícia não registrou nenhuma agressão nem furtos. "Eles compram revólver para dar tiros para o alto. Usam como se fosse rojão", diz o soldado Milton Santos, 32, da cidade de Teresina de Goiás.

Casamento na fogueira. - Padre só aparece no Vão de Almas uma ou duas vezes por ano. Os que não querem esperar são casados em volta de uma fogueira por uma espécie de sacerdote kalunga. Quem não casa na fogueira não pode ficar junto nas festas.

Mãe solteira. - Não existe esse conceito entre os kalungas. Quando uma mulher tem um filho antes do casamento, o futuro marido assume a criança como se fosse sua.

Couro de vaca. - É mais procurado pelos kalungas do que a própria carne. É usado para fazer selas e arreios de cavalo, produtos de primeira necessidade no mato. Um quilo de carne, qualquer que seja o pedaço, custa R\$ 2,00. O couro não sai por menos de R\$ 25,00.

Cabelo liso. - A moda de alisar as carapinhas chegou aos kalungas. Helena Rodrigues dos Santos, 41, mascate e ex-professora na região, alisou o cabelo de dez garotas em dois dias. Usa a água do rio das Almas para fazer o trabalho e diz cobrar só o preço do produto, Ene-Charm — R\$ 5,00. (MCC)